

**“AS FERRAMENTAS DO SENHOR NUNCA DERRUBARÃO A CASA-GRANDE”:
POR UMA CLÍNICA ANTIRRACISTA DO CUIDADO E DA PROMOÇÃO À SAÚDE
MENTAL POR E PARA POPULAÇÃO NEGRA**

**SIMPÓSIO TEMÁTICO: SAÚDE MENTAL PARA QUEM? PERSPECTIVAS DE
CUIDADO EMOCIONAL, TENSIONAMENTOS DE GÊNERO E ÉTNICO RACIAL**

Raquel Souza dos Santos¹

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

raqsouzapsi@gmail.com

Benedito Medrado²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

benedito.medrado@ufpe.br

Moema Alves Macedo³

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

moema@leaosampaio.edu.br

Resumo

Este trabalho propõe um diálogo ético-político sobre práticas clínicas antirracistas voltadas à população negra. Adotamos como referencial teórico-metodológico o Construcionismo Social em Psicologia, realizando uma revisão dialógica da literatura em bases de dados sobre clínica psicológica, práticas antirracistas, racismo e saúde mental da população negra. São experiências recorrentes entre pessoas negras sentimentos de baixa autoestima, insegurança, desadequação, inferioridade, além de dificuldades nos âmbitos profissional e afetivo. Esses sofrimentos, frequentemente expressos de forma indireta, têm como origem ou fator agravante a violência racial, cujo funcionamento na sociedade brasileira é velado, silencioso e muitas vezes inominável. Essa lógica racial hierarquiza a humanidade, produzindo privilégios e desvantagens entre sujeitos brancos e negros. Diante disso, propomos um deslocamento da compreensão do sofrimento do campo individual para o coletivo, com foco nas intersecções entre racismo e outras relações de poder. A clínica tradicional, marcada por um viés eurocêntrico normativo e universalizante, tende a desconsiderar os efeitos psíquicos do racismo, limitando a escuta clínica. Em contraposição, propomos uma clínica antirracista que se posiciona contra modelos hegemônicos, desvela o racismo e promove a construção de narrativas contra-hegemônicas, fortalecendo identidades e pertencimentos raciais. A clínica antirracista, portanto, não se limita ao tratamento de sintomas, mas configura-se como prática de enfrentamento ao racismo, dentro e fora do setting terapêutico.

¹ Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO) e mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora vinculada ao Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE) e Integrante da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP).

²Graduado em Psicologia, com mestrado e doutorado em psicologia social pela PUCSP. Professor Titular do Departamento de Psicologia da UFPE, onde leciona para cursos de graduação e pós-graduação. Coordenador do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE). Bolsista de Produtividade do CNPq.

³Professora, supervisora e orientadora de estágio do curso de psicologia da UNILEAO. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde (Mestrado profissional)/UNILEAO. Coordenação estadual e nacional da ANPSINEP. Integrante do Núcleo Feminista de Pesquisa em Gênero de Masculinidades (GEMA/UFPE). Psicóloga efetiva na SESA/JN-CE. Doutora em psicologia - UFPE. Mestra em ensino em saúde - UNILEAO. Graduada em psicologia - UFPE.

Palavras-chave: clínica antirracista; saúde mental; população negra; práticas psicológicas; racismo estrutural.